

RÁDIO ESCOLAR E LETRAMENTO: Possibilidades Para o Quinto Ano do Ensino Fundamental

Rodrigo Otávio dos Santos¹
Idiana Delanhese²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca da rádio escolar no ensino de crianças do quinto ano do Ensino Fundamental. Para tanto, discutimos sobre educomunicação e, posteriormente, acerca da criação de uma rádio escolar. Na sequência, debatemos a questão do desenvolvimento técnico da rádio no ambiente escolar, as questões de leitura, escrita e letramento e, para finalizar, destacamos os benefícios da rádio escolar. Os principais autores utilizados na pesquisa foram: Baltar (2012), Consani (2015), Orozco Gómez (2014), Martín-Barbero (2000), Ausubel (1968), Freinet (1969), Bruner (1964, 1997), Pietri (2009), Freire (2019) e Vygotski (2007, 2008). A metodologia é de abordagem qualitativa, com objetivos descritivos e com os métodos bibliográfico e documental. O principal resultado do estudo é a discussão acerca da possibilidade para a instalação de uma rádio na escola, com a função de melhorar questões de letramento, leitura, interpretação de texto e escrita, entre outras.

Palavras-chave: Educação; letramento; rádio-escolar.

SCHOOL RADIO AND LITERACY: POSSIBILITIES FOR THE 5TH YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT

This article aims to present some reflections about school radio in the teaching of children in the 5th year of elementary school. For that, we discussed educommunication, then the creation of a school radio. Next we discussed the issue of technical development of radio in the school environment. Ahead, we see the issues of reading, writing and literacy and, to conclude, we highlight the benefits of school radio. The main authors used in the research were: Baltar (2012), Consani (2015), Orozco Gómez (2014), Martín-Barbero (2000), Ausubel (1968), Freinet (1969), Bruner (1964, 1997), Pietri (2009), Freire (2019) and Vygotsky (2007, 2008). The methodology has a qualitative approach, with descriptive objectives and with bibliographic and documentary methods. The main result of the study is the discussion of the possibility of implementing a radio in the school, with the function of improving issues of literacy, reading, text interpretation, writing, among others.

Keywords: Education; literacy; school radio.

Submetido em: 12/4/2021

Aceito em: 17/11/2022

¹ Centro Universitário Internacional (Uninter). Programa de Pós-Graduação em Educação e Novas Tecnologias (PPGENT). Curitiba/PR, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/0668156094746596>. <https://orcid.org/0000-0001-5050-1637>

² Prefeitura Municipal de Curitiba. Curitiba/PR, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/8570423120423731>. <https://orcid.org/0000-0002-8510-9560>

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca discutir sobre a questão da rádio no ambiente escolar, ou o que chamaremos de rádio escolar, com programas criados e gerenciados pelos alunos do Ensino Fundamental, especificamente, neste texto, os alunos do quinto ano. Neste sentido, a rádio escolar vem ao encontro da vontade ou necessidade de o docente buscar alternativas diferenciadas, com diferentes mídias, para o trabalho em sala de aula.

A tecnologia pode se tornar uma aliada nos processos de aprendizagem, visto que é cada vez mais frequente o seu uso fora do ambiente escolar. Neste contexto, inserir a tecnologia nos processos comunicativos e de socialização pode fazer com que haja um maior interesse e engajamento por parte dos estudantes, e trabalhar com a comunicação e a educação em congruência pode gerar inúmeras aprendizagens.

EDUCOMUNICAÇÃO

A educomunicação, conforme afirmado por Orozco Gómez (2014), integra os saberes dos meios de comunicação com cunho pedagógico na escola e, por vezes, faz surgir no ambiente escolar o trabalho com televisão, história em quadrinhos, música, cinema, jornais e também rádio. O Caderno Pedagógico volume 9: Educação e o Uso de Mídias, divulgado pelo Ministério da Educação no ano de 2016, mostra-nos que a educação e a comunicação podem ter um papel fundamental na vida de todo o ser humano. Na chamada sociedade da informação (ou pós-industrial), mensurada por Bell (1977), os serviços e toda a estrutura da economia seriam baseados na informação e no conhecimento. Corroborando com esta ideia, a TV, o rádio, o jornal, a revista e a internet possuem um papel intenso, sobretudo na vida do jovem nesta sociedade da informação.

A informação, por exemplo, deixou, desde o advento do rádio, de ser adquirida somente pelos livros ou com o professor na sala de aula. Passa, hoje, por uma teia complexa e abrangente de veículos de comunicação e, conseqüentemente, filtros e mediações.

Sobre esta perspectiva, Martín-Barbero coloca que

A dinâmica da comunicação liga-se ao âmbito dos grandes meios ultrapassando-os, porém. Ela se concretiza com o surgimento de um ambiente educacional difuso e descentrado, no qual estamos imersos. Um ambiente de informação e de conhecimentos múltiplos, não centrado em relação ao sistema educativo que ainda nos rege e que tem muito claros seus dois centros: a escola e o livro (2000, p. 54).

Trabalhar com a educomunicação, contudo, requer uma reflexão e um delineamento dos objetivos a serem atingidos. No ambiente escolar, os meios de comunicação podem trazer questionamentos sobre como estes se apresentam na sociedade, as ideias trazidas e, até mesmo, a linguagem que utilizam, para que no ambiente escolar possa haver a adequação dos meios de comunicação e do trabalho com eles.

Baltar (2012) relata que no Brasil já ocorre, há algum tempo, o trabalho com textos do ambiente discursivo midiático na escola. Isto sucedeu, num primeiro momento, com o uso de textos da mídia jornalística na escola. Na atualidade, a internet e outras mídias têm sido frequentemente utilizadas por professores como recursos didáticos, entretanto, não basta usar a mídia ou a tecnologia, mas, sim, refletir sobre como esta pode auxiliar na aprendizagem dos estudantes, na conscientização destes sobre o mundo em que vivem e na formação humana como um todo.

Neste sentido, é importante pensar na rádio escolar como sendo uma proposta pedagógica que pode trazer a discussão social, como afirmado por Baltar (2012, p. 35):

Diante desse contexto, a rádio escolar não pode ser concebida apenas como mais um recurso didático pedagógico na escola, mas como um dispositivo que permite inserir professores e estudantes e toda comunidade escolar num debate permanente sobre os textos e os discursos que circulam na esfera da comunicação, espaço altamente prestigiado pela sociedade letrada contemporânea, o que pode ajudar a escola a cumprir o propósito de promover uma educação verdadeiramente emancipadora.

CONSTRUÇÃO DE UMA RÁDIO ESCOLAR

Desta forma, faz-se interessante a efetiva construção de uma rádio escolar, que seja adequada à comunidade da qual pertence. Esta rádio se configuraria como a consequência de diversas atividades significativas de linguagem, em que os sujeitos envolvidos na sua construção possam ser capazes de ser responsáveis, decidindo como e o que comunicar, em que formato isto ocorrerá e, ainda, quais as estratégias que podem ser utilizadas.

Sob a perspectiva de usar a rádio escolar e a tecnologia, pode-se utilizar os conceitos de Bruner (1964), que defende que a evolução da mente é evidenciada pelas três ondas de invenções notáveis, e que cada uma delas serviram a três funções diferentes.

A primeira onda diz respeito ao fato de os humanos desenvolverem inventos que ampliaram a sua capacidade motora, por exemplo, objetos simples como roldanas e alavancas, e até mesmo a roda e combinações de mecanismos para fabricar armas, como facas, lanças e machadinhas.

Ao ampliar a capacidade motora, os humanos ficaram mais fortes e rápidos, e mais bem preparados para a construção de abrigos, e menos vulneráveis aos predadores e catástrofes naturais (Lefrançois, 2016).

O segundo grupo de invenções, segundo Bruner (1964), ocorreu séculos mais tarde, e novamente o padrão humano foi alterado drasticamente, pois, ao invés destes objetos ampliarem a capacidade motora, ampliaram os sentidos. Estes objetos são o telescópio, o rádio, a televisão e todos os meios que expandem as capacidades humanas de ver e ouvir, sentir e perceber as coisas, que, de outra forma, não seriam percebidas (Lefrançois, 2016).

O último grupo de invenções humanas, conforme Bruner (1964), inclui as que ampliam as capacidades de raciocínio intelectuais – os sistemas simbólicos humanos e as teorias que incluem as linguagens e os sistemas de computadores.

Nesta direção, Bruner (1997) alerta que todo trabalho mental humano é, agora, realizado com a ajuda da tecnologia que as culturas proporcionam a seus membros, e que estas tecnologias enriquecem enormemente as competências humanas.

Se pensarmos na rádio escolar como uma proposta tecnológica e didática, que pode proporcionar reflexões e aprendizagens, os estudantes poderão ter grandes avanços em produção textual, leitura, pesquisa e letramento.

Para que a rádio escolar possa acontecer e beneficiar os estudantes, é preciso que haja planejamento anterior à sua execução, e as reflexões podem iniciar com a equipe pedagógica e os demais profissionais da escola. Pensar, analisar e refletir sobre a rádio escolar é parte importante do processo de planejamento.

Assim sendo, docentes, discentes e toda a comunidade escolar poderão passar a ser protagonistas sociais, agindo criticamente e com consciência na direção da construção de um espaço discursivo midiático particular na escola (Baltar, 2012).

Como poderia ser, então, uma rádio escolar? Que peculiaridades ela deveria ter para se diferenciar das que já existem em nossa sociedade?

Ao refletir sobre estas questões, é preciso novamente pensar que a rádio escolar poderá ter uma relação direta com a realidade na qual está inserida, pois o tipo de discurso que será veiculado e as características do programa são muito importantes no processo de criação de identidade desta rádio.

Para tanto, se faz necessário escolher o perfil da rádio escolar, e refletir sobre como será sua edição, a formação e a formatação de seus programas, e tudo isto é diretamente influenciado pela história de vida dos docentes e discentes que farão a rádio. Além disso, o conhecimento de mundo e o nível de letramento destes também caracterizará esta rádio (Consani, 2015).

É importante lembrar que a rádio escolar, no sentido da radiotransmissão, geralmente não ultrapassa o ambiente escolar. Quando se reflete sobre o conhecimento adquirido por meio dela, o alcance é grande, pois a rádio pode ampliar de forma significativa as perspectivas dos estudantes e de seus mestres (Baltar, 2012).

Ora, o objetivo maior de uma rádio escolar é o de possibilitar conhecimentos, posto que, para Freinet (1969, p. 85), “os únicos conhecimentos que podem influenciar o comportamento de um indivíduo são aqueles que ele descobre sozinho e dos quais se apropria”. Isto demonstra que um ambiente onde, por meio de descobertas, o estudante possa sondar, investigar e protagonizar seu aprendizado, será relevante para a sua aprendizagem.

Uma questão que é muito específica na rádio escolar é a comunicação da equipe escolar. É preciso que as equipes diretiva, administrativa e pedagógica, e que o corpo docente e o discente saibam que está sendo instituída e/ou planejada uma rádio na unidade escolar, e também entender como esta rádio escolar será (Consani, 2015).

Planejar é um passo importante, haja vista que o planejamento determinará a forma como a rádio escolar poderá ser, sua periodicidade e a forma como ocorrerá, se será em formato de *podcast*, *on-line*, gravada ou ao vivo.

A verificação da possibilidade dos recursos disponíveis na escola para que a rádio possa acontecer é muito importante. Apesar de muitos dos recursos serem simples,

como caixas de som, microfones e aplicativos gratuitos para computador, é importante que estejam funcionando quando os estudantes realizarem a preparação e a edição da rádio escolar.

Caso seja viável, a escola poderá providenciar equipamentos que porventura acharem necessários para o desenvolvimento da rádio escolar. É importante que os equipamentos estejam funcionando para que, quando da utilização dos recursos para a execução da rádio, não ocorram imprevistos por conta do mau funcionamento dos equipamentos. Para tanto, testá-los com antecedência é uma prática que deve ser adotada.

Uma questão relevante quando se pensa na rádio escolar é fazer com que os estudantes, juntamente com seus professores, reflitam sobre a viabilidade de que a rádio reproduza o que já existe na sociedade, ou se, de fato, é preciso caracterizar a rádio escolar com o ambiente em que será realizada.

Para que esta reflexão aconteça, é interessante que os estudantes tenham acesso a diferentes programas de rádio, tais como rádios comerciais de diferentes emissoras, visando a análise de propostas diferenciadas de programação, bem como, rádios comunitárias, para perceber como estas se utilizam da linguagem radiofônica e suas diferenças em relação às rádios comerciais.

As rádios comunitárias, como afirmado por Baltar (2012), acontecem dentro de comunidades, e geralmente noticiam acontecimentos que possuem identidade com a localidade. Ouvir rádios educativas e/ou universitárias e comparar a programação destas com as rádios comerciais, por exemplo, ou até mesmo de rádios em *podcast* poderá mostrar formas diferentes de se fazer rádio.

Após ouvir e entender cada uma destas rádios, seus formatos e linguagens específicas, os estudantes e os professores poderão, ao instituir a rádio escolar, “desenhar” o formato da rádio escolar que desejam criar para, posteriormente, planejarem em conjunto com a equipe pedagógica a forma pela qual ela poderá de fato ser viabilizada. É importante verificar, igualmente, em quais momentos a rádio escolar será planejada e quantas horas semanais serão dispensadas para as pesquisas que antecedem a rádio.

Outra questão relevante neste processo é a motivação dos estudantes. Estes precisam estar motivados a realizar a rádio escolar, pois a ideia é a de que todos os envolvidos no processo estejam engajados nesta causa.

Segundo Tapia e Fita, a motivação escolar

É algo complexo, processual e contextual, mas alguma coisa se pode fazer para que os alunos recuperem ou mantenham seu interesse em aprender. A sociedade, aos órgãos públicos e a outras instituições cabe encontrar soluções. Aos professores e equipe docente cabe a reflexão (2000, p. 9).

Não se deve ignorar que o aluno se encontra influenciado e pressionado pelo ambiente e a comunidade à qual pertence. Pisandelli (2003) assevera que, neste sentido, se houver uma motivação por parte de toda a comunidade escolar no processo da instituição e realização da rádio escolar, o aprendizado poderá ser mais facilitado.

A rádio escolar pode propiciar, tanto para docentes como discentes, benefícios pedagógicos. Além disso, a transformação social pode ser instigada por este meio, como retrata Bianco.

(...) McLuhan traduz a idéia (...) que o que mais interessa não é o que diz o rádio, mas o fato de existir e transformar a sociedade. São as transformações que o rádio provoca a sua mensagem, porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma de ações e associações humanas. O rádio resgata, pela força de seu conteúdo tecnológico, o vínculo das pessoas com sua comunidade (2005, p. 154).

A rádio escolar pode propiciar este vínculo com a comunidade, e levar os estudantes a terem contato com fontes de pesquisa e com recursos tecnológicos que anteriormente não possuíam. Nesta direção, as particularidades pedagógicas desenvolvidas por meio da rádio escolar podem trazer benefícios para os estudantes que com ela trabalharem.

Além disto, de acordo com Freinet (1969), é mediante a cooperação que os estudantes e o professor se relacionam e desenvolvem suas responsabilidades e competências, havendo maior valorização mútua.

Diante da troca de experiências e conhecimentos entre os alunos, estes podem passar a se tornar seres autônomos em seus processos de aprendizagem, conseguindo, inclusive, atribuir significância à prática educativa exercida, e essa cooperação contribuir consideravelmente para a formação de valores e atitudes nos sujeitos envolvidos.

DESENVOLVIMENTO DA RÁDIO NO AMBIENTE ESCOLAR

Consani (2015) corrobora com a ideia de que a rádio escolar pode se desenvolver de muitas formas, dependendo dos recursos, das características da comunidade local e do planejamento que foi elaborado pela equipe que irá desenvolver a rádio. É importante ressaltar, no entanto, que existem algumas formas de desenvolver a rádio.

Uma questão relevante que ocorre quando a rádio escolar passa a se efetivar está relacionada ao fato de que o trabalho com a língua portuguesa e, por sua vez, a oralidade e a escrita terão ênfase, visto que não há como desenvolver uma rádio escolar sem que haja a produção textual, a leitura, a oralidade e, por conseguinte, o trabalho com o letramento.

Como exposto por Soares (2018, p. 63), “o letramento nomeia comportamentos e práticas de uso do sistema de escrita, em situações sociais em que a leitura e a escrita estejam envolvidas”. Enquanto a alfabetização decodifica signos e/ou símbolos, o letramento os compreende socialmente.

Quando gravada, a rádio poderá ser editada, e para isso precisará de computador e de softwares específicos. Alguns destes são gratuitos, por exemplo, o *Audacity*, que é um dos softwares utilizados quando se fala em editor de áudio gratuito. Outras possibilidades de editor de áudio gratuito incluem o *Kristal Audio Engine*, bem como o software *Ocenaudio* ou *Wavosaur*.

Na maioria das vezes, os softwares que permitem o trabalho com a rádio escolar, tais como edição, entre outros recursos, possuem tutoriais na internet que demonstram sua utilização. Se a escola dispor deste recurso, a rádio poderá ser gravada em DVD, CD, enviada por e-mail ou até mesmo disponibilizada na internet em formato de *podcast*.

A cada ano que passa, os programas em formato de *podcast* vêm conquistando uma audiência significativa, não apenas pelo seu conteúdo, mas, também, pela sua praticidade. Os *podcasts* podem ser ouvidos a qualquer hora, em qualquer lugar e em diferentes plataformas, seja na *web* ou em aplicativos.

Podcast é um arquivo digital de áudio transmitido por meio da internet, cujo conteúdo pode ser variado, normalmente com o propósito de transmitir informações. Pode-se dizer que o *podcast* é parecido com um programa de rádio, mas a diferença está no fato desta mídia digital ser disponibilizada na internet, podendo, assim, ser acessada a qualquer momento.

Existem aplicativos gratuitos, como *Opinion podcast*, *BlogTalkRadio* ou *SoundCloud*. Se a opção da gravação for escolhida, o programa de rádio escolar pode ser disponibilizado na internet, para que outras pessoas além da comunidade escolar tenham acesso. Isto poderá ocorrer mediante a utilização de aplicativos que hospedam áudios na internet, como o *SoundCloud*, mencionado anteriormente. Neste caso, também existem inúmeros tutoriais na internet que podem ser acessados pelo professor ou pelos alunos, para sanar suas dúvidas quanto à utilização do programa escolhido.

Outra possibilidade é a rádio escolar ser realizada ao vivo. Neste caso, é preciso que a escola possua um equipamento de som, como caixas de som e microfones. Se a rádio escolar se utilizar de músicas, será preciso também um computador ou aparelho de som para a reprodução destas.

Mais do que as funções importantes na execução ao vivo dos programas de rádio, o computador se faz presente na hora da edição da rádio, visto que é por meio dele que os estudantes também poderão inserir na programação escolar vinhetas, *jingles* e até mesmo músicas, além do posterior compartilhamento dos programas na internet. Neste sentido, pode-se dizer que a utilização do computador na rádio escolar ocorre tanto se a edição for gravada quanto se for ao vivo.

Além destes recursos, quando a rádio escolar ocorre ao vivo, é preciso definir dia e horário em que ocorrerá a edição, visto que a ideia é a de que toda a comunidade escolar possa ouvir a rádio escolar.

O tempo dos programas ao vivo deve ser analisado com cuidado, sempre avaliando qual comunidade que será a ouvinte e a qual faixa etária pertence. Além disso, é interessante que estes programas não ultrapassem o tempo de dez minutos, para que não se tornem cansativos para os ouvintes. Na sugestão de Consani (2015), a rádio escolar deve ter seu tempo cuidadosamente controlado.

Ademais, é importante também conhecer os formatos e os gêneros radiofônicos que poderão compor a programação da rádio escolar, pois estes nortearão o trabalho com a oralidade e a escrita, primordiais para a execução desta.

Para que haja a rádio escolar é preciso, contudo, ter em mente que a aprendizagem que esta proporcionará será o diferencial. Sobre esta questão, Vygotski (2008, p. 75) relata que “a aprendizagem promove vários processos internos de desenvolvimento mental, que tomam corpo somente quando o sujeito interage com objetos e sujeitos em cooperação”.

Assim sendo, é inerente ao trabalho com a rádio escolar, seja ela gravada ou ao vivo, a questão da interação social que haverá com os estudantes envolvidos em todos os processos de execução e de preparação da rádio. Para Vygotski (2008), esta interação está fundamentalmente envolvida no desenvolvimento da cognição. Pode-se dizer, então, que a rádio escolar pode proporcionar desenvolvimento, aprendizagem e interação social no ambiente em que será criada.

ALUNOS DO QUINTO ANO, LEITURA, ESCRITA E LETRAMENTO

A rádio escolar pode contribuir significativamente para o aprendizado dos estudantes, sendo capaz de promover múltiplos conhecimentos; entretanto, algumas áreas do conhecimento acabam ficando mais evidenciadas no que tange ao trabalho com a rádio.

Para Ausubel (1968), a aprendizagem significativa é um processo pelo qual uma nova informação se relaciona com um aspecto relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo. Assim, quando o estudante possui um conhecimento consolidado em suas estruturas cognitivas e passa a ter contato com um conhecimento novo mais abrangente, este novo conhecimento agregará valor ao já consolidado, aprimorando e dando ainda mais significado ao que foi aprendido. Desta forma, o conhecimento será aumentado e consolidado com o passar do tempo e das novas aprendizagens vivenciadas.

Para este trabalho, a sugestão é desenvolver o projeto da rádio escolar com o quinto ano, pois na maioria das vezes os estudantes destas turmas estão com a alfabetização consolidada, visto que esta etapa faz parte do Ciclo II do Ensino Fundamental I, e os documentos que norteiam o trabalho destas etapas, como o Currículo da Educação Básica, assim colocam a questão da alfabetização. Ademais, a consciência fonológica e a relação fonema/grafema nestas turmas geralmente já se consolidaram, conforme afirmado por Soares (2018), possibilitando, dessa forma, o avanço para o trabalho com o letramento, com a produção textual e a escrita e com a oralidade de forma mais aprofundada.

Neste contexto, a língua portuguesa é uma área do conhecimento muito trabalhada por meio da rádio escolar, visto que a oralidade, a leitura, o letramento e a produção textual fazem parte do trabalho desenvolvido com a rádio (Consani, 2015).

No ambiente escolar, de forma mais específica nas turmas de quinto ano do Ensino Fundamental I, os estudantes, em sua maioria, estão alfabetizados em língua portuguesa; contudo, por diversas vezes, a prática demonstra que há dificuldades significativas no que tange à produção textual e ao letramento, ou seja, os estudantes, por vezes, leem, mas não conseguem compreender o que leram. Além disso, as riquezas de algumas produções textuais são limitadas a poucos gêneros textuais, como assevera Soares:

É necessário reconhecer que alfabetização entendida como aquisição do sistema convencional de escrita distingue-se de letramento, entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos (2018, p. 64).

Vygotski (2008) corroborava com a ideia de que as operações com signos não são transmitidas, mas derivam de uma série de transformações qualitativas complexas, ou seja, quando a escrita está em questão, é preciso levar em conta o papel do alfabetizado e do alfabetizando nos processos desta aprendizagem e toda a complexidade que envolve as relações existentes dentro e fora do ambiente escolar.

Esta condição se faz necessária para que não se atribua somente ao professor ou à escola a responsabilidade sobre o sucesso ou fracasso no que tange à relação do estudante com a escrita, ou seja, a alfabetização (Rojo, 1998).

Pietri (2009) afirma que a leitura é uma prática social escolarizada, isto é, numa sociedade como a nossa, as pessoas consideram que uma das funções da instituição escolar é ensinar a ler, contudo, uma pessoa pode ler sem ter ido à instituição escolar ou ter apreendido habilidades de uma leitura diferenciada das trabalhadas na escola, por exemplo. Mas isto não é regra. Em comunidades não letradas, de modo geral, a escola é o local onde o letramento ocorre sistematicamente.

A noção de letramento é, portanto, fundamental para a discussão de questões relacionadas ao ensino da leitura. Pietri, sobre esta questão, assevera que

Pensar no ensino da leitura na escola, então, significa pensar nas relações sociais envolvidas com a responsabilidade de acesso à escrita, que se mostra muito mais complexa quando pensamos que nossa sociedade não se divide em comunidades letradas e comunidades não letradas, mas se constitui de grupos sociais com diversos níveis de letramento, em razão da quantidade e das características do material escrito disponível e das funções que a escrita possui nas práticas cotidianas (2009, p. 12).

Ao pensar desta maneira, pode-se dizer que a escola necessita considerar as várias relações que existem em sua comunidade e nos grupos sociais que constituem seu ambiente, para que as “leituras” desenvolvidas neste meio possam ter sentido e agregar conhecimento aos estudantes.

Pensar sob esta perspectiva no trabalho com a leitura na escola significa pensar na distribuição social do que é escrito. Pietri (2009) corrobora com a ideia de que os materiais escritos são distribuídos de modo desigual na sociedade. É preciso considerar, então, que apenas uma pequena parcela da sociedade possui acesso a escritos valorizados socialmente. Colaborando com a crítica a esta ideia, Souza coloca que

As classes superiores são as classes do espírito, do conhecimento valorizado, enquanto as classes trabalhadoras são do corpo, do trabalho braçal e muscular que as aproxima dos animais. Nós não refletimos nunca acerca destas hierarquias, assim como não refletimos sobre o ato de respirar. É isto que as fazem tão poderosas, elas se tornam naturalizadas. Esquecemos que tudo o que foi criado por seres humanos também pode ser feito por nós (2017, p. 17).

A escola pode contribuir para esta desigualdade quando não proporciona aos estudantes o contato com materiais escritos significativos, ou pode tentar diminuir esta desigualdade ao oferecer aos estudantes a possibilidade de terem acesso aos materiais escritos valorizados socialmente, e, como coloca Pietri (2009), desenvolver os materiais escritos visando a práticas sociais consideradas legítimas em uma sociedade letrada.

A rádio escolar possibilita aos estudantes a leitura social para produzir o programa radiofônico. Além disso, o contato com a pesquisa é proporcionado, uma vez que para desenvolverem suas pautas, os estudantes precisam pesquisar a forma como um texto radiofônico é escrito, que tipo de linguagem pode ser utilizada em um programa de rádio e quais são os gêneros a serem trabalhados na rádio escolar.

Concomitante a isto, a rádio escolar proporciona a leitura de variados textos, sendo que os estudantes necessitam interpretá-los antes de transformá-los em um programa radiofônico. O exercício da interpretação, com o auxílio do professor, fará com que a compreensão dos estudantes em relação aos textos possibilite o letramento. Acerca disto, Lemos (1988) argumenta que a participação dos estudantes nas práticas de leitura e de escrita permitirá construir uma relação com a escrita enquanto prática.

Igualmente, o trabalho por meio dos variados gêneros textuais, em congruência com os diferentes gêneros radiofônicos, poderá possibilitar um dimensionamento diferenciado no que tange ao trabalho com a língua portuguesa. Este processo de trabalho e análise de diferentes tipos textuais e de estudo dos gêneros radiofônicos para a produção da rádio escolar tem, como aliada, a tecnologia, que poderá proporcionar o estudo e o contato com estes textos de maneira mais dinâmica e rápida por meio de pesquisas na internet, por exemplo.

A pesquisa que antecede a preparação da rádio escolar, bem como, o estudo de textos variados, poderão fazer com que os estudantes percebam e interpretem a realidade que os cerca, e até mesmo o mundo, sob outras perspectivas que antes, talvez, não seriam pensadas ou levadas em consideração. Sobre esta questão, Bakhtin manifesta que

Ser significa conviver. A morte absoluta (o não-ser) é o estado de não ser ouvido, de não ser reconhecido, de não ser lembrado. Ser significa ser para o outro e, através do outro ser para si. O ser humano não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira; olhando para dentro de si ele olha para os olhos de outro ou com os olhos de outro (2003, p. 341).

A rádio escolar é executada na escola por diversas pessoas que, por meio de sua individualidade, podem se expressar pela oralidade e escrita e, assim, se tornarem visíveis socialmente. Trabalhar a língua portuguesa de forma diferenciada, através da rádio escolar, possibilita transformar a atividade da linguagem, por exemplo, como uma práxis social que se traduzirá em gêneros de textos.

Para Bronckart,

A língua é um sistema de relações que existe em potência na consciência dos membros de uma comunidade social, a fala são os atos de realização dessa potência, mas a esses atos só se manifestam em produções discursivas afetivas ou ainda na textualidade. Mas esses atos podem construir, destruir, modificar significações e, assim produzir um efeito que incide sobre a configuração do sistema (1999, p. 34).

A rádio escolar objetiva também conscientizar a sua comunidade local e, por meio da oralidade, promover o letramento para os estudantes, que faz com que os sujeitos envolvidos tenham uma visão acerca do mundo de forma a poder questionar, criticar e corroborar para a melhoria da sociedade.

Quando o trabalho com a língua portuguesa é idealizado para as turmas de quinto ano do Ensino Fundamental I, as produções textuais e a oralidade são trabalhadas com um foco grande nos livros didáticos, e estes podem trazer temas e propostas de atividades que nem sempre geram interesse nos estudantes, por citarem temáticas distantes de suas realidades.

Sobre esta temática, Soares mensura que

A escrita que, fora das paredes da escola, serve para a interação social e é usada em situações de enunciação como quando se escreve cartas, bilhetes, registram-se informações, fazem-se anotações para apoio à memória, leem-se livros, jornais revistas, panfletos, anúncios, indicações de trânsito, nomes das ruas, de ônibus, etc., dentro das paredes da escola assume um caráter falso, artificial, descontextualiza-se: fazem-se redações ou composições com uma função puramente escolar (2018, p. 80).

Igualmente, o trabalho com foco na gramática sem uma contextualização (Pietri, 2009) pode levar os estudantes a terem certo desinteresse pela língua portuguesa, pois não conseguem constatar um significado ou aplicabilidade para aqueles conteúdos que estão sendo estudados.

A rádio escolar não deixa de trabalhar a produção oral, textual ou até mesmo a gramática e suas relações, mas isto se dá de maneira contextualizada, visto que há um motivo para escrever uma pauta, há uma intenção em ler e de forma adequada. A rádio possibilita a escrita para um programa radiofônico que será ouvido pela comunidade escolar, há uma intenção no comunicar, e isto diferencia o trabalho convencional da língua portuguesa ao ser realizado na rádio escolar.

É esta forma de ensinar a língua portuguesa, por meio da rádio escolar, que se torna um diferencial. Para que seja iniciada a rádio escolar, é preciso que os estudantes pesquisem sobre gêneros textuais, gêneros radiofônicos, rádio, além do tema do programa a ser criado.

A pesquisa em variadas fontes, com o uso de tecnologias para auxiliar neste processo, denota um diferencial pedagógico. Carvalho, Bastos e Kruger (2000) defendem que a educação e as tecnologias pressupõem novas formas de trabalho e exploração dos processos de ensino e de aprendizagem. Precisa-se levar em conta que, muitas vezes, os estudantes de quinto ano chegam a esta etapa do Ensino Fundamental sem saberem realizar pesquisas de maneira satisfatória.

A utilização de computadores, dispositivos móveis, livros, jornais e revistas para a pesquisa pode promover uma mudança na forma dos discentes estudarem, visto que podem deixar de ser passivos e de procurar respostas imediatas, para se tornarem pesquisadores de variadas fontes, podendo comparar ideias e chegar a conclusões. Como argumenta Freire (2019), não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino, e pensar implica a superação, o respeito e o estímulo para com a capacidade criadora do aluno.

A mudança na forma de estudar e de aprender é processual, pois demanda uma mudança de atitude e de prática pedagógica onde professores e alunos corroboram para que o conhecimento se torne evidente e prazeroso. Neste sentido, como explica Vygotski (2007), o que a criança pode fazer hoje com o auxílio dos adultos poderá fazê-lo

amanhã por si só. Isso significa que, em atividades coletivas ou, ainda, sob a orientação de adultos, os estudantes podem aumentar suas capacidades de desempenho, gerando, assim, aprendizagens (Palangana, 2015).

BENEFÍCIOS PEDAGÓGICOS DA RÁDIO ESCOLAR

Os estudantes que possuem a possibilidade pedagógica de desenvolver a rádio escolar podem ter ganhos extremamente significativos em aspectos midiáticos. Por ter contato com tecnologias diferenciadas, a ampliação destes conhecimentos também se torna um ganho e, além disso, o letramento, a leitura, a escrita e a oralidade podem ocorrer de forma prazerosa e muito significativa.

Se, ao analisar a rádio escolar, tivermos em mente que o letramento é “um conjunto de atividades de linguagem organizados de tal forma que os sujeitos envolvidos possam participar conscientemente de práticas consagradas na sociedade letrada”, como argumenta Baltar (2012, p. 27), pode-se dizer, então, que, por meio da rádio o letramento poderá ocorrer, ou seja, a rádio escolar pode auxiliar neste processo.

Ainda, é importante ressaltar que a rádio escolar está diretamente relacionada à atividade coletiva, desde o seu planejamento até sua execução. Ora, se os estudantes conseguem, por meio da rádio escolar, colocar em prática conhecimentos que já possuem, possivelmente desenvolverão conhecimentos novos com o auxílio dos demais colegas e professores. Nesta perspectiva, pode-se dizer que isto produzirá aprendizado.

Sobre esta questão, Vygotski coloca que há dois níveis de desenvolvimento: o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. O nível de desenvolvimento real diz respeito às funções mentais da criança, que resultam de determinados ciclos de desenvolvimento já completados, ou seja, o conjunto de informações que a criança já possui em seu poder (Vygotski, 2007). Já o nível de desenvolvimento potencial, segundo este mesmo autor, é definido pelos problemas que a criança consegue resolver com o auxílio de pessoas com mais experiência.

Para além destes níveis, segundo Vygotski (2007), existe a zona de desenvolvimento proximal, que é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. Pode-se dizer, então, que a zona de desenvolvimento proximal constitui funções que ainda não estão maduras, mas em processo de maturação.

O trabalho com o letramento pode possibilitar que os estudantes, por meio de práticas e estratégias de ensino, tenham acesso a textos variados e, ao interagirem com os textos e com seus pares, participem com maior autonomia na sociedade na qual estão inseridos. Em suma, o letramento pode propiciar uma emancipação e uma inclusão social. Kleiman, sobre esta questão, defende que o letramento consiste em

Um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade (1995, p. 238).

Ora, se os discentes estão alfabetizados e trabalharão com a rádio escolar, podem ser submetidos às práticas sociais de escrita. Essas práticas podem conduzir os

processos pedagógicos ao letramento, e se este trabalho for realizado com significado e com objetivos claros, fará muito mais sentido para todos os envolvidos.

O professor, sob esta perspectiva, contudo, precisará assumir o papel de organizar, em contextos sociodiscursivos, atividades e práticas letradas que poderão permitir o desenvolvimento de múltiplos letramentos nos sujeitos, uma vez que a perspectiva sociodiscursiva possui sua base epistemológica, na concepção de que as condutas humanas são construídas em um processo histórico de socialização marcado, principalmente, pelo uso de artefatos simbólicos como a linguagem, e determinado por dimensões culturais (Bronckart, 1999).

Neste sentido, o contexto sociodiscursivo colabora com a proposta de rádio escolar, posto que a linguagem será muito utilizada em todo o percurso de trabalho. Além disso, as atividades coletivas e individuais fazem parte de todo o processo da rádio.

Sobre esta questão, Baltar (2012) argumenta que a linguagem é a principal característica da atividade social dos humanos, que interagem nas diversas esferas da sociedade por meio de atividades (coletivas) e de ações (individuais), por intermédio de textos de diferentes espécies.

Pode-se afirmar, também, que defende o caráter social do desenvolvimento da atividade e do psiquismo humano e a importância do papel que a linguagem desempenha na construção do pensamento, além da necessidade de constante superação das determinações culturais para a transformação do ambiente social e do próprio indivíduo (Cristovão, 2008).

Desta forma, percebe-se que a teoria de Vygotski corrobora com esta perspectiva sociodiscursiva, uma vez que ambas as teorias dão primazia ao social, compreendendo que as relações humanas que podem gerar aprendizagens precisam do meio social para ocorrer. Dito isto, decorre o entendimento de que é nas atividades sociais, em uma formação social, que são desenvolvidas as ações de linguagem necessárias no trabalho com a rádio escolar.

Para além disto, Kleiman (1995) afirma que o professor sob esta perspectiva possui o papel de agente de letramento, um mediador de práticas sociais que estão situadas no mundo letrado pelo qual os estudantes passarão ao longo de seu processo de letramento.

Outros autores, como Barton e Hamilton (1998), asseveram que o letramento não é um comportamento restrito à leitura e à escrita, mas a práticas da vida diária, onde o acesso à informação e aos conhecimentos acontecem em uma determinada cultura. O letramento que os indivíduos adquirem durante sua trajetória o acompanharão por toda a vida, podendo ser ampliado a cada novo conhecimento adquirido.

Neste contexto, pode-se dizer que atividades significativas de linguagem podem estar relacionadas ao ambiente discursivo midiático na produção de jornais escolares, ou ainda, de programas de rádio (Baltar, 2012).

O acesso a atividades de linguagem, discussão e compreensão destas práticas no ambiente escolar podem permitir que o letramento esteja de fato ligado à vida social dos estudantes, utilizando-se de meios tecnológicos para propiciar que verdadeiramente o letramento ocorra.

Para além disto, quando a escola, por meio do letramento, cumpre seu papel de agente transformador da sociedade, não reproduz o *status quo* existente nela, mas forma indivíduos com capacidades que podem colaborar para a criticidade. É possível que esta criticidade possa se dar por meio da rádio escolar, visto que haverá uma ampliação de repertório e uma leitura diferenciada do que existe na comunicação e na sociedade e aquilo que de fato se quer comunicar por meio da rádio escolar.

Correlato ao letramento, os estudantes envolvidos com a rádio escolar poderão desenvolver e ampliar as questões relacionadas à oralidade, que está diretamente ligada à locução. Nesta direção, Valdés (*apud* Ferraretto, 2014) elenca oito requisitos para que uma boa locução possa acontecer, os quais podem ser trabalhados com os estudantes.

O primeiro requisito é o de que o estudante deve entender o que está escrito, tendo razoável domínio sobre os temas tratados no programa de rádio. O segundo é saber interpretar o texto. O terceiro se refere à ideia de saber transferir a informação ao ouvinte. O quarto requisito diz respeito ao teor da locução, pois cada realce é próprio. Quando o locutor se utiliza da oralidade e sabe matizar o que é dito, surge o quinto requisito. Sendo assim, conforme o caso, deve dar força maior à expressão, mudar o tom e fazer pausas. A voz constitui um instrumento para a rádio escolar que precisa ser utilizado sem exageros. O sexto requisito diz respeito a ser natural, porém, sem deixar de lado a necessidade de convencer o ouvinte. O sétimo requisito é relativo ao poder de convencimento do ouvinte, ou seja, de inserir este poder com naturalidade na fala. Por último, mas, não menos importante, o oitavo requisito relaciona-se à necessidade de concluir bem a leitura, sem depreciar os últimos detalhes do texto.

Ao compreender e aplicar os requisitos mencionados anteriormente, os estudantes na rádio escolar poderão fazer com que as edições da mesma possam levar à comunidade escolar entretenimento e conhecimento, sendo mais uma forma de letramento.

Outro ganho pedagógico significativo para os estudantes que realizam a rádio escolar é o aprimoramento da produção textual durante a produção da pauta, que deve ter uma linguagem adequada à comunidade escolar que ouvirá a transmissão radiofônica, e pode conter as informações básicas para que o programa radiofônico seja realizado com segurança pelos estudantes participantes do projeto.

A escrita da pauta possibilitará aos estudantes o exercício de elementos da língua portuguesa de forma significativa, ou seja, escrever para comunicar algo a alguém. No caso, os estudantes que realizam a rádio escolar escrevem para os estudantes que ouvem a rádio.

Na rádio escolar o estudante poderá melhorar sua forma de escrever, pois as pautas exigem a pesquisa, a leitura e a prática do ato de escrever diversas vezes, e o fato de os estudantes escreverem para comunicar para suas comunidades fará com que a escrita possua uma intencionalidade, um sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rádio escolar torna-se potencialmente significativa, porque é relacionável e não arbitrária e, além disso, conceitos variados podem ser aprendidos significativamente dessa forma (Ausubel, 1968).

Pode-se afirmar que a rádio escolar é capaz de trazer em si ganhos pedagógicos para os estudantes que dela fazem parte, bem como para seus ouvintes, pois este meio de comunicação não transfere conhecimentos, mas possibilita a construção dos mesmos.

Assim, para os alunos do quinto ano do Ensino Fundamental, cuja maioria infelizmente ainda enfrenta problemas relativos à leitura e interpretação de textos, o uso da rádio escolar pode ser de grande valia, haja vista que é uma produção realizada em conjunto com o professor e com seus pares, o que possibilita a interação e uma maior atividade na zona de desenvolvimento proximal de cada aluno.

Igualmente, é interessante fazer notar que a produção textual pode ser melhorada por meio do uso das pautas, que devem ser construídas pelos estudantes, para dar segurança e direcionamento ao aluno no momento da execução da rádio. O ato de escrever com propósito, para comunicar algo real para pessoas também reais, pode ser muito útil para o aprendizado das crianças.

Outra questão pertinente diz respeito ao uso de softwares pelos estudantes. Caso a rádio seja editada, eles tomarão conhecimento do básico de edição de som, que é correlato ao básico de edição de vídeo ou de imagens, possibilitando a geração de novas habilidades nos alunos. Além disso, com a tarefa da locução, os alunos podem desenvolver questões relacionadas à sua própria inibição e autoestima. Afinal, ter sua voz em uma rádio aumenta a autoestima da pessoa, ao mesmo tempo que reduz a inibição frente aos colegas.

Por último, devemos dizer que o processo de letramento dos alunos pode ser muito beneficiado com esta ferramenta. Programas em uma rádio escolar promovem pesquisas textuais, audição atenta, compreensão de quando usar linguagem coloquial e quando usar a norma culta, além de todos os benefícios já postulados. A questão do letramento, muito debatida neste artigo, é, sem dúvida, o principal foco desta pesquisa.

Os grandes entraves para a rádio nas escolas relacionam-se, primeiramente, à questão do tempo para o professor desenvolver todos os mecanismos necessários para a criação da rádio. Sabemos que esta atividade demanda várias horas de dedicação por parte do professor e da equipe escolar, e compreendemos, igualmente, que este tempo nem sempre existe. Outro problema existe no que tange aos materiais necessários para a criação da rádio. Se a escola não possuir um computador, por exemplo, a rádio só poderá ser ao vivo, ou seja, apenas a conexão de um microfone à algumas caixas de som, e se a escola não tiver sequer um microfone e caixas de som, será necessário o uso de *smartphones* dos professores, o que não é o ideal.

Concluimos, então, que a rádio escolar pode melhorar muito o processo de alfabetização e letramento, desde que os cuidados necessários à confecção desta ferramenta sejam tomados. Com um bom planejamento, o professor terá amplas condições de melhorar o entendimento de seus alunos, principalmente os aqui analisados, do quinto ano do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, David Paul. *Educational psychology: a cognitive view*. Nova York: Holt, Rinehart and Wiston Inc., 1968.
- BAKHITIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BALTAR, Marcos. *Rádio escolar: uma experiência de letramento midiático*. São Paulo: Cortez, 2012.
- BARTON, David; HAMILTON, Mary. *Local literacy: reading and writing in one community*. London: Routledge, 1998.
- BELL, Daniel. *O advento da sociedade pós-industrial*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BIANCO, Nelia. O tambor tribal de McLuhan. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). *Teorias do rádio: textos e contextos*. Santa Catarina: Insular, 2005. p. 45.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Caderno Pedagógico vol. 9. Educação e uso de mídias*: Brasília, 2016.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Educ, 1999.
- BRUNER, Jerome. The course of cognitive growth. *American Psychologist*, v. 19, n. 1, p. 1-15, 1964.
- BRUNER, J. S. *Comment on beyond competence cognitive development*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- CARVALHO, Marília Gabriela; BASTOS, João Augusto de Souza Leão de Almeida; KRUGER, Eduardo. *Apropriação do conhecimento tecnológico*. Curitiba: CEFET-PR, 2000.
- CONSANI, Marciel. *Como usar o rádio em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2015.
- CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. *Estudos da linguagem à luz do interacionismo sociodiscursivo*. Londrina: UEL, 2008.
- FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: teoria e prática*. São Paulo: Summus, 2014.
- FREINET, Célestin. *O método natural*. Tradução Franco de Sousa e Teresa Balté. Lisboa: Estampa, 1969.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- KLEIMAN, A. *Significados do letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- LEFRANÇOIS, Gui R. *Teorias da aprendizagem: o que o professor disse*. São Paulo: Cengage Learning, 2016.
- LEMOS, Cláudia T. G. *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes, 1988.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. Desafios culturais da comunicação à educação. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 6, n. 18, p. 51-61, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920>.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. *Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- PALANGANA, Isilda Campaner. *Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski: a relevância social*. São Paulo: Summus, 2015.
- PIETRI, Emerson de. *Práticas de leitura e elementos para a atuação docente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.
- PISANDELLI, Glória Maria Veríssimo Lopes. *Dificuldades de aprendizagem: consequência do despreparo dos professores?*. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Vale do Acaraú, CE, 2003.
- ROJO, Roxane. *Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.
- SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2018.
- SOUZA, Djanira Brasilino de. *A pedagogia Freinet nas séries iniciais do 1º grau: algumas sugestões de organização do trabalho pedagógico*. Caderno n. 3. Natal: EDUFERN, 1996.
- SOUZA, Jessé. *A elite do atraso da escravidão à lava jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- TAPIA, Jesus A.; FITA, Enrique C. *A motivação em sala de aula: o que é e como faz*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- VYGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- VYGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Autor correspondente:

Rodrigo Otávio dos Santos

Centro Universitário Internacional (Uninter)

Programa de Pós-Graduação em Educação e Novas Tecnologias (PPGENT)

Edifício Moreira Garcez – Centro – Curitiba/PR, Brasil. CEP 81540-160

E-mail: rodrigoscama@gmail.com

Todo conteúdo da Revista Contexto & Educação
está sob Licença Creative Commons CC – By 4.0.